

A agricultura familiar à mesa

Saberes e práticas da alimentação
no Vale do Taquari

Renata Menasche
Organizadora



Segurança alimentar, substantivo feminino: mulheres agricultoras e autoconsumo

Cândida Zanetti
Renata Menasche

É sabido que a produção de alimentos voltada ao consumo das famílias rurais cumpre importante papel em suas estratégias de reprodução social. Entretanto, estando à margem dos processos mercantis e realizada predominantemente sob responsabilidade de mulheres agricultoras, a produção destinada ao autoconsumo é comumente pouco valorizada frente aos produtos destinados à comercialização.

A partir de uma abordagem que privilegia a análise das percepções e práticas de agricultores e agricultoras em relação à alimentação e à produção de alimentos e levando em conta os papéis de gênero socialmente construídos na agricultura familiar, esse estudo se propõe a evidenciar o papel desempenhado pelas mulheres agricultoras na segurança alimentar das famílias rurais observadas.

Os dados aqui analisados foram obtidos a partir de entrevistas e observação participante, realizadas na localidade de Jacarezinho, principalmente no período compreendido entre setembro e outubro de 2005, nos marcos do projeto de pesquisa *A multifuncionalidade da agricultura à mesa: hábitos alimentares e produção para autoconsumo; identidade e estratégias de reprodução social de famílias rurais* (MCT/MESA/CNPq/CTA Agro 503566/03-09). Das dezoito famílias rurais da localidade estudadas, seis seriam selecionadas para a realização de entrevistas em profundidade, especialmente com as mulheres, mas também com seus maridos e alguns de seus filhos.

Constituída por cerca de 200 famílias – predominantemente descendentes de imigrantes italianos, que ali se estabeleceram a

partir de 1880 –, a localidade de Jacarezinho está situada a cerca de cinco quilômetros da sede do município de Encantado, no Vale do Taquari, Rio Grande do Sul. Dada a existência, na localidade, de várias pequenas empresas, mas principalmente devido à proximidade do centro urbano, entre seus moradores são muitos, particularmente jovens e mulheres, aqueles que se dedicam a empregos não-agrícolas.

Jacarezinho conta com uma forte organização comunitária, que se articula, em boa medida, a partir da expressiva religiosidade de seus moradores. Junto à imponente capela católica, encontra-se o ginásio de esportes que cumpre também o papel de salão comunitário e que, somados à escola, ao cemitério e a alguns estabelecimentos comerciais, constituem o cenário em que se desenrola a vida social local. Ali os moradores se reúnem em cultos, em reuniões do clube de mães ou do grupo de idosos, em ensaios do coral, em treinos do time de futebol, em mesas de carteados e rodas de conversa, em partidas de bocha, em almoços e bailes, em casamentos e enterros, nas festas e filós.¹

¹ Cabe aqui comentário a respeito do Filó Comunitário do Jacarezinho, que pode ser tomado como expressão do vigor da organização comunitária local. Entre as famílias de Jacarezinho – como, em geral, se dava nas comunidades constituídas por agricultores descendentes de imigrantes italianos –, era freqüente ocorrer, à noite, a visita “surpresa” de vizinhos e parentes, para comemorar um aniversário, ou para tomar um brodo, beber um vinho, jogar cartas, conversar, rezar, cantar. Com o passar do tempo e as mudanças ocorridas na vida e no trabalho desses agricultores, os filós, antes prática corrente em que se realizava a sociabilidade entre as famílias, tornaram-se raros. Mas a partir de 2002, por iniciativa da diretoria da comunidade local, passou a ser organizado anualmente – no dia 20 de maio, quando é comemorado o Dia da Etnia Italiana – o Filó Comunitário do Jacarezinho, que reúne centenas de pessoas, atraindo, além dos moradores do local, visitantes de toda a região. Naquela noite, cada família traz alimentos e bebidas, que são compartilhados com todos os participantes. As tradições italianas são também reavivadas na celebração do culto e a partir de cantos, danças, encenações, jogos, vestimentas e objetos que buscam resgatar os costumes daquela gente da época em que os filós faziam parte de seu cotidiano.

AS MULHERES AGRICULTORAS

A maior parte das mulheres agricultoras entrevistadas encontra-se na faixa etária entre 45 e 65 anos. Têm, em média, quatro filhos, entretanto apenas um deles permanece trabalhando na propriedade familiar. No que se refere à escolaridade, a maior parte dessas mulheres cursou o primeiro grau incompleto.

Todas participam de alguma organização comunitária, seja clube de mães, grupo de idosos, grupo religioso ou outro. Em sua maioria, são, juntamente com seus maridos, associadas ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais, mas poucas são associadas à cooperativa. Apenas as aposentadas possuem conta em banco. Algumas das mulheres entrevistadas fizeram cursos sobre alimentação, oferecidos pela EMATER municipal, mas nenhuma participou de cursos sobre técnicas de manejo agrícola, apesar de todas afirmarem desempenhar ou ter desempenhado atividades na agricultura.

Segundo relatam, na realização do trabalho agrícola na propriedade elas não manipulam insumos químicos, especialmente agrotóxicos: essas tarefas ficam a encargo dos homens. E especificamente nas atividades voltadas ao autoconsumo da família, realizadas predominantemente por elas, esses insumos não são utilizados.²

As mulheres e suas filhas são, ainda, responsáveis pela preparação das refeições e demais alimentos consumidos pela família, como sobremesas, queijos, pães, cucas, compotas, sucos, etc. Esses produtos são originalmente destinados ao autoconsumo, mas há agricultoras que vendem alguns deles, principalmente queijo e nata.

A respeito do trabalho doméstico, destacando a importância dos eletrodomésticos – especialmente a máquina de lavar roupa – e mencionando a redução do número de filhos nas gerações mais recentes, as mulheres agricultoras afirmam que muita coisa melhorou nos últimos tempos.

² A respeito do manuseio de agrotóxicos enquanto tarefa masculina entre agricultores familiares, ver Menasche (2004).

As entrevistadas afirmam o orgulho de ser agricultora e por atualmente serem reconhecidas como tal, uma vez que até há alguns anos não o eram perante agentes como banco, prefeitura e comércio, para quem eram consideradas “domésticas”.

Quando eu ia numa loja antigamente, me fichavam como trabalhadora doméstica. Só que nunca achei isso certo, porque apesar de fazer os serviços domésticos, meu principal trabalho é na roça, com meu marido. Então eu também sou agricultora.

AUTOCONSUMO E SEGURANÇA ALIMENTAR

O tamanho das propriedades da maioria das famílias estudadas é inferior a 10 hectares. Dessa área, parte é destinada a cultivos e criações voltados à comercialização, parte é coberta por mata nativa ou capoeira e uma pequena parcela, em torno de um a dois hectares, é dedicada à produção de alimentos para o consumo da família. Apesar da área destinada à produção de alimentos voltada ao autoconsumo ser relativamente pequena, ela possibilita uma enorme quantidade e variedade de alimentos para as famílias.

A produção para autoconsumo engloba pequenas criações, hortas, pomares e pequenas lavouras. Entre os itens produzidos, pode-se mencionar uma grande variedade de frutas, legumes e verduras; animais como galinhas, suínos, peixes, bovinos e caprinos; feijão, mandioca, batata, mel, leite, vinho e cachaça.

Quando indagados sobre como era antigamente a produção voltada ao autoconsumo, os agricultores e agricultoras de Jacarezinho afirmam que havia uma fartura maior de alimentos,³ relatando que eram raros os alimentos comprados, entre eles sal e café. E que muitos dos alimentos que hoje são adquiridos – como, por exemplo,

³ Em um estudo sobre o campesinato goiano, também Brandão (1981) constatou que os agricultores faziam referência ao passado como época de fartura, quando a terra era mais produtiva e os alimentos abundantes e diversos.

arroz, batata e cebola – eram então produzidos na propriedade. Ainda, que alguns dos alimentos que atualmente são comprados no mercado substituíram alimentos que, naquela época, eram produzidos na propriedade: ao invés do açúcar branco, utilizava-se o açúcar mascavo; a banha foi, em boa medida, substituída pelo óleo de soja, enquanto que a nata pelo creme vegetal industrializado.

A redução do tamanho das propriedades – devido a partilhas por herança ou vendas de terras –, a concentração das atividades agrícolas em poucos cultivos e/ou criações destinados à comercialização, bem como a facilidade de acesso aos mercados locais e o aumento da oferta de alimentos neles disponíveis podem ser apontados – do mesmo modo que no estudo de Brandão (1981) – como alguns dos fatores responsáveis pela redução da produção de alimentos voltada ao autoconsumo em Jacarezinho.

No caso da comunidade estudada, cabe destacar também a relação de integração com agroindústrias como um elemento que concorreu para a redução da produção de alimentos voltada ao autoconsumo, isso porque aos agricultores que produzem aves e suínos em relação de integração é vedado pelas empresas – sob alegação de razões sanitárias – criar outros animais da mesma espécie em suas propriedades. Com isso, várias raças de animais crioulos se perderam, sendo seu consumo substituído pelo dos animais criados industrialmente.⁴

Segundo os agricultores e agricultoras entrevistados, também o desaparecimento dos moinhos coloniais da região contribuiu para a diminuição da produção de alimentos voltada ao autoconsumo,

⁴ Vale comentar que quando são produzidos para o consumo da família, costuma-se separar os animais do lote – mesmo que, com isso, infringindo normas estabelecidas pelas agroindústrias integradoras –, alimentando-os com uma dieta rica em milho, pasto verde e sobras de alimentos. Essa dieta diferenciada teria por objetivo, segundo os informantes, “limpar” o animal de medicamentos e hormônios que compõem as rações com que são alimentados os lotes, bem como produzir uma carne considerada mais saborosa.

uma vez que já não têm como transformar em farinhas o milho e o trigo produzidos.

Ainda, também o modo de fazer a produção voltada ao autoconsumo passou por mudanças. Lamentando que muitas variedades e espécies crioulas tenham se perdido, mas alegando mais praticidade e qualidade, atualmente a maior parte das agricultoras entrevistadas compra, a cada ano, as sementes e mudas necessárias. Isso não ocorria há alguns anos, quando as sementes eram colhidas, postas a secar, embaladas e guardadas para o plantio seguinte, ou trocadas com vizinhas. Em famílias em que mulheres de mais idade (em torno de 60 anos) permanecem trabalhando na produção de alimentos destinada ao autoconsumo, essa prática continua presente.

Mas de que modo a produção de alimentos voltada ao autoconsumo estaria relacionada à segurança alimentar dessas famílias rurais?

Na definição adotada pelo CONSEA (2004),

Segurança Alimentar e Nutricional é a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis.

Segundo Maluf e Menezes (2004), a segurança alimentar estaria norteadas por três pontos principais: a qualidade nutricional dos alimentos e a ausência de componentes químicos que possam lesar a saúde humana; os hábitos e a cultura alimentar específicos de cada comunidade, de cada grupo social; a sustentabilidade do sistema alimentar, ou seja, a contínua produção e presença de alimentos.

Como já mencionado, as agricultoras entrevistadas são unânimes em afirmar que na produção de alimentos voltada ao autoconsumo não são utilizados insumos químicos. Em suas palavras, é uma “produção limpa”. Como também já comentado, é imensa a variedade e quantidade de alimentos produzidos por aquelas famílias, podendo ser observada a disponibilidade de inúmeros tipos de

alimentos nas diferentes épocas do ano. Ainda, na maior parte das famílias estudadas, as refeições são preparadas predominantemente a partir de alimentos produzidos pela própria família ou obtidos em trocas com vizinhos.

Temos, assim, que a produção de alimentos voltada ao auto-consumo tende, na realidade estudada, a assegurar a segurança alimentar, uma vez que, estando enraizada na história vivida pelas famílias e pela comunidade, tem por atributos a diversidade, a qualidade e a disponibilidade durante todo o ano. Ao menos assim parecem entender os agricultores e agricultoras entrevistados, que se consideram saudáveis por terem uma alimentação saudável.

Tive sete filhos em casa, e até hoje nenhum deles ficou doente. Isso tudo porque sempre comeram bem e bastante. E não comiam porcarias, como esses salgadinhos e guaranás...

MULHERES E HOMENS, TRABALHO E AUTOCONSUMO

Inúmeros estudos evidenciam que, na agricultura camponesa, a produção de alimentos destinada ao consumo das famílias – relacionada à casa, em oposição à produção dirigida ao mercado – é predominantemente realizada pelas mulheres agricultoras.

Tomemos o estudo de Heredia et al. (1984) – em que os autores analisam as relações sociais no interior de unidades domésticas em região açucareira do Nordeste brasileiro. Nas palavras dos autores (1984, p.30),

Se o lugar do homem é o roçado, o lugar da mulher, mãe de família, é a casa. A ela cabe a organização e o controle das atividades vinculadas àquela, atividades essas que, inclusive, são as que possibilitam o consumo.

Ou ainda o estudo de Brumer (2004), referente à situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul, que mostra que, enquanto os homens são considerados responsáveis pela produção destinada à venda, às mulheres compete realizar atividades como

cuidar da casa, preparar as refeições, cuidar da horta, bem como da criação de pequenos animais e pequenas lavouras destinadas à produção de alimentos voltada ao autoconsumo, além de cuidar dos filhos e dos idosos.

Também na comunidade estudada observou-se que – salvo situação excepcional, quando a mulher se encontra impossibilitada de trabalhar – são as mulheres, eventualmente com a participação de filhas e filhos mais jovens, as responsáveis pelos serviços domésticos, pela horta, pequenos cultivos e criações voltadas ao autoconsumo e pelo preparo das refeições.

Mas isso não significa que as mulheres sejam ausentes do trabalho relacionado à produção destinada à comercialização. Entretanto, assim como nos casos estudados por Heredia et al. (1984) e Brumer (2004), o trabalho das mulheres de Jacarezinho aí realizado não é considerado trabalho, mas *ajuda*.

[...] embora as atividades que se realizam no roçado sejam consideradas trabalho por oposição às atividades próprias da casa, dentro das atividades agrícolas há algumas tarefas que são especificamente femininas, tais como a semeadura ou limpeza dos cultivos, tarefas estas que na medida em que são realizadas pela mulher perdem o caráter de trabalho e passam a ser denominadas ajuda. (Heredia et al., 1984, p.31)

Quando Paulilo (1987) analisou as relações de trabalho na cultura do fumo em regiões de Santa Catarina, São Paulo e Paraíba, observou que embora as mulheres realizassem os mesmos serviços que os homens, sua remuneração era inferior a deles. E que o trabalho era considerado “leve” ou “pesado” dependendo de quem o realizasse, mulher ou homem.

Qualifica-se o trabalho em função de quem o realiza: são “leves” as atividades que se prestam à execução por mão-de-obra feminina e infantil. Importa destacar que essa classificação está associada a diferentes remunerações: maior para o trabalho “pesado” (desempenhado por homens), menor para o “leve” (desempenhado por mulheres e crianças), mesmo que ambos demandem o mesmo número de horas ou que o esforço físico exigido por

um tenha como contraponto a habilidade, a paciência e a rapidez requerida pelo outro. O que determina o valor da diária é, em suma, o sexo de quem a recebe. (Paulilo, 1987, p.67)

As diferentes categorias empregadas em referência ao trabalho de homens e mulheres – *trabalho e ajuda*, *trabalho pesado* e *trabalho leve* – são indicadores da valoração diferenciada atribuída ao trabalho de uns e outras, decorrente dos papéis sociais de gênero assumidos por homens e mulheres que, por sua vez, correspondem a relações hierárquicas estabelecidas no interior da família e na sociedade.

A valoração diferenciada do trabalho de homens e mulheres pode também ser percebida no modo como a ele se referem agricultores e agricultoras de Jacarezinho entrevistados.

“Os homens vão na roça e só têm aquele serviço, e as mulheres têm que lavar roupa, fazer comida, cuidar dos filhos e depois ainda ir na roça ajudar os maridos.”

O agricultor cujo trecho de depoimento reproduzimos acima demonstra reconhecer que não é pouco o esforço realizado pelas mulheres, mas dá a perceber que na roça elas não são consideradas protagonistas.

Quando indagadas a respeito do que consideram trabalho, as mulheres agricultoras entrevistadas afirmam trabalhar mais do que os homens, uma vez que, além das atividades agrícolas, ainda cuidam da casa e dos filhos, sozinhas, e são unânimes em afirmar que o esforço realizado por elas, seja na casa e arredores, seja na produção destinada à comercialização, é trabalho. No entanto, algumas atribuem maior importância ao trabalho dos homens, avaliando ser maior o esforço realizado por eles.

Pode-se sugerir que a partir da valoração diferenciada do trabalho de agricultoras e agricultores seja possível entender a valoração diferenciada dos produtos desses trabalhos. Assim é que os alimentos produzidos – a partir, predominantemente, do trabalho feminino – para o autoconsumo da família são considerados *miudezas*.

Ainda, é interessante notar que alguns alimentos culturalmente muito valorizados – como é o caso dos embutidos e especialmente dos vinhos – costumam ser produzidos sob responsabilidade dos homens, o que permite supor que a hierarquia no interior da família corresponderia também uma hierarquia de alimentos.

SEGURANÇA ALIMENTAR: SUBSTANTIVO FEMININO

Vimos que embora as atividades realizadas pelas mulheres agricultoras nem sempre sejam consideradas trabalho, é delas que provêm significativa parcela dos alimentos colocados à mesa dessas famílias. Desse modo, pode-se afirmar que a segurança alimentar das famílias rurais é, em boa medida, assegurada pelo trabalho realizado pelas mulheres agricultoras, primeiras responsáveis pela produção de alimentos voltada ao autoconsumo e pela preparação das refeições.

É interessante, ainda, notar que entre as famílias estudadas, quando há a presença ativa de mulheres de mais idade, a diversidade de alimentos produzidos para o autoconsumo é maior do que nas famílias nas quais as mulheres são mais jovens, indicando, talvez, que as mulheres se venham dedicando menos a essas atividades do que o faziam suas antecessoras.

Talvez possamos relacionar a redução na produção de alimentos voltada ao autoconsumo em curso a algumas mudanças que vêm ocorrendo neste meio rural, particularmente no que se refere à crescente mobilidade campo-cidade.

A predominância da evasão feminina do meio rural entre a população jovem foi já demonstrada em vários estudos, entre os quais o de Brumer (2004), que associa esse processo à forma como se dá a divisão sexual do trabalho no interior das famílias e à valorização desigual atribuída ao trabalho de homens e mulheres.

Em Jacarezinho, não são muitas as moças que vivem no meio rural e são ainda menos as que, ali permanecendo, dedicam-se ao trabalho agrícola. Pode-se intuir que, migrando ou voltando-se

para empregos não-agrícolas, essas moças estejam buscando no trabalho urbano o reconhecimento que suas mães não obtiveram enquanto agricultoras.

Tendo em conta que são costumeiramente as mulheres agricultoras as primeiras responsáveis pela produção de alimentos voltada ao autoconsumo, temos que se a não-valorização do trabalho das mulheres agricultoras, seu não-reconhecimento, está entre os motivos de seu distanciamento do trabalho agrícola, estaria também entre os fatores a contribuir para a tendência de redução da produção de alimentos voltada ao autoconsumo entre essas famílias rurais. E, uma vez mantida essa tendência, teríamos que a segurança alimentar dessas famílias estaria ameaçada.

Desse modo, pode-se afirmar que a valorização e fortalecimento da produção de alimentos voltada ao autoconsumo, garantia da segurança alimentar dessas famílias rurais, e o reconhecimento das mulheres agricultoras “andam junto”.

REFERÊNCIAS

- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Plantar, colher, comer*: um estudo sobre o campesinato goiano. Rio de Janeiro: Graal, 1981.
- BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do Rio Grande do Sul. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, 12(1), p.205-227, 2004.
- CONSEA. Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional, 2, 2004, Olinda. *Relatório final*. Olinda: CONSEA, 2004.
- HEREDIA, Beatriz; GARCIA, Marie France; GARCIA JR., Afrânio. O lugar da mulher em unidades domésticas camponesas. In: AGUIAR, Neuma (coord.). *Mulheres na força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- LORENZON, Admir. *Agricultura e costumes na comunidade de Jacarezinho (Encantado)*. 2005. 64 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Desenvolvimento Rural e Gestão Agroindustrial) – Universidade Estadual do Rio Grande do Sul, Encantado, 2005.

MALUF, Renato S.; MENEZES, Francisco. *Caderno "Segurança Alimentar"*. Disponível em: <http://www.forumsocialmundial.org.br/download/tconferencias_Maluf_Menezes_2000_por.pdf>. Acesso: 11 out. 2005.

MENASCHE, Renata. Capinar: verbo conjugado no feminino? Notas de pesquisa sobre gênero e percepções de risco na agricultura familiar. *Cuadernos de Desarrollo Rural*, Bogotá, 53, 2004.

PAULILO, Maria Ignez Silveira. O peso do trabalho leve. *Ciência Hoje*, 5(28), p. 64-71, 1987.